



João Coito

O meu adeus ao 'DN' e o
'comício' de Maria Elisa

3

Alfredo Farinha

Em defesa da liberdade
e da democracia

4

Godinho Granada 18

A presença
de Salazar

Mudar Portugal

■ Um artigo
de Alberto
João Jardim

Pág. 2



O Diabo

Editoradora: **Vera Lagoa**

PDG e Director interino: **José Esteves Pinto**

ANÁRIO ● Sai às TERÇAS-FEIRAS ● 3 de Abril de 2007 ● Ano XXXI ● N.º 1579 ● Preço: 1,80 € (IVA incluído)

EM CARTA A MARIA BARROSO, PRESIDENTE DA 'FUNDAÇÃO A. S. MENDES'

EMBAIXADOR DESMISTIFICA

'LENDA' SOUSA MENDES



■ A embaixada britânica denunciou, na época, que Sousa Mendes cobrava dinheiro pela emissão de vistos e passaportes

■ Sousa Mendes acumulou numerosos processos disciplinares desde o longínquo ano de 1917, na I República, até 1940

■ Desapareceram misteriosamente dos arquivos do MNE várias peças dos processos que incriminavam Sousa Mendes

Págs.

À Esquina da Memória



João Coito

O meu adeus ao «DN» e o «comício» de Maria Elisa

PELO menos antigamente, esta terça-feira da Semana Santa era «terça-feira de trevas». Panejamentos roxos ocultavam dos olhos dos fiéis as imagens dos Santos e cantos plangentes ecoavam pelas naves das catedrais. Os crentes meditavam nos sofrimentos do Salvador e ansiavam pelo dia em que vão reboar os aleluias da Ressurreição. Com a Natureza em delírio, com milhões de margaridas a animar montes e vales, os homens espe-

passava, era uma leva milionária. Vieram novos directores, tantos que eu já não sei contar, e o jornal que «estava na Rotunda mas não fazia revoluções» (A. Castro dixit) minguava, minguava sem cessar... Mudou de proprietários, alterou a política, escolheu outras penas, serviu outros senhores, mas fora atingido pela doença que não perdoa... Eu tenho-o visto definhir. Com mágoa, confesso, que aquela tinta ficou-me no sangue. Tive de me socorrer de milhentos

«Nunca o «DN» aceitou nas suas colunas o menor pedaço de prosa que não respeitasse a religião e as crenças da grande maioria dos portugueses. Era um jornal informado, familiar (...) Até que um dia (...)»



PELO menos antigamente, esta terça-feira da Semana Santa era «terça-feira de trevas». Panejamentos roxos ocultavam dos olhos dos fiéis as imagens dos Santos e cantos planantes ecoavam pelas naves das catedrais. Os crentes meditavam nos sofrimentos do Salvador e ansiavam pelo dia em que vão reboar os azeites da Ressurreição. Com a Natureza em delírio, com milhões de margaridas a animar montes e vales, os homens esperam o momento fulcral, o que deu sentido à vida, aquele em que diante do túmulo de **Nazareno** se ouviram as palavras que despoñaram para sempre a esperança: «Ressuscitou, não está aqui!...»

Nestes dias, recordo-me de um antigo repórter do «DN», o **Santos Jorge**, agnóstico cem por cento, que era sempre encarregado das reportagens da Semana Santa na Sé de Lisboa. Sabia tanto do ritual que até o próprio mestre de cerimónias, **mons. Honorato Monteiro**, um dia me confessou a sua admiração por tanta mestria e desembaraço. Tempos sepultados para sempre... O director do jornal, o académico de fino estilo e melhor trato **Augusto de Castro**, também um agnóstico sorridente e cordato, o então secretário-geral, o injustiçado e humaníssimo **Fernando Fragoso**, que viria a ser director na década de 70, outro agnóstico convicto e amável, o dr. **Manuel Luís Rodrigues**, redactor de altos vãos, também firmemente agnóstico, o **António Valdemar**, felizmente vivo e pujante, que levou tratos de polé depois do Abril que tanto desejou, embora seja o único académico desta maldada profissão, e que foi aliado sem as «graças» milionárias com que os «democratas» da 25.ª hora são contemplados regamente, outro sim agnóstico inconvertível e ainda por cima com avental do Grande Oriente, a **D. Manuel de Azevedo**, antifascista visceral, socialista de antes de os haver, que não sei se algum dia rezou uma Avé-Maria, enfim, uma corte de agnósticos ilustres mas com os neurónios no lugar certo. Nunca o «DN» aceitou nas suas colunas o menor pedaço de prosa que não respeitasse a religião e as crenças da grande maioria dos portugueses. Era um jornal informado, familiar, com os «fundos» imortais de **Augusto de Castro**, que era lido por centenas de milhares de leitores... Até que um dia, para esquecer, assentou ali arraisais um tal escriba que havia de ser nobelizado e que começou a publicar umas «homilias» marxistas-leninistas que afugentaram a maior parte dos leitores. Cada mês que

passava, era uma leva milionária. Vieram novos directores, tantos que eu já não sei contar, e o jornal que «estava na Rotunda mas não fazia revoluções» (**A. Castro** dixit) mingua, mingua sem cessar... Mudou de proprietários, alterou a política, escolheu outras penas, serviu outros senhores, mas fora atingido pela doença que não perdoa... Eu tenho-o visto definhir. Com mágoa, confesso, que aquela tinta ficou-me no sangue. Tive de me socorrer de milhentos comprimidos de Lasec para aguentar. Até agora. Até mais não poder. Calculem que criou ali poeleiro um dos «canhões» (não sou eu que o digo, é o jornal que o assinala), a ser verdade o que me dizem duendes desta profissão, por imposição de um administrador que por tal jeito viria a ganhar a presidência de magesática empresa, que, volta não volta, numa prosa descarnada e tonta, investe contra a Igreja com uma fúria que nem os jornais da I República, sob as bênçãos de **Afonso Costa**, se atreviam a usar.

Como é que uma jornalista, que se diz com 20 anos de profissão, nunca se deu conta de um milagre que espalhou amorosamente o nome de Portugal por todos os cantos do orbe? Milhões rezam todos os dias àquela Senhora que os zagalitos da Serra d'Aire viram a brilhar numa azinheira. Tinham uma idade que não lhes permitia mentir. Aguentaram as ameaças do administrador do concelho, um republicano ateu... Mas o escriba nada disto quis saber. Parece uma clonagem do famigerado padre da Lixa. Investe contra o queixo da irmã **Lúcia** sem reparar no seu próprio nariz. Não se deu ao trabalho de ir ler o exemplar de «O Século» em que o grande repórter descreve o «milagre do Sol». Uma lástima. Um horror. Mais uma achega, poderosíssima, para o enterro do meu antigo jornal. O tal que chegava a publicar diariamente 200 mil exemplares!!! Para mim, morreu agora, definitivamente. Receio bem que o enterro seja imensamente concorrido. Não se avilta assim a fé das pessoas. Devia ser de leitura obrigatória para estes jornalistas da nova vaga a leitura do livro em que **Mário Soares**, um agnóstico confesso, dialoga sobre estes mistérios com **Federico Mayor Zaragoza**. Que elegância invejável e fascinante!... Deviam atender à prosa límpida e à nobreza de atitudes de um escritor impar chamado **Fernando Da Costa**.

Já se vão delindo os últimos ecos do grande «comício antifascista» que a irrequieta **Maria Eli-**

nas suas colunas o menor pedaço de prosa que não respeitasse a religião e as crenças da grande maioria dos portugueses. Era um jornal informado, familiar (...) Até que um dia (...)



sa tentou fazer na RTP. Bem porfiou, mas não conseguiu. Saiu-lhe tudo ao contrário. Não havia jeito de alterar os factos. Por mais que tentasse, o nome de **Salazar** vinha sempre ao de cima. Quase sempre com ódio e asco. Mesmo pela boca de quem ainda não tinha nascido ou mal gatinhava quando ele morreu. Acusaram-no de tudo. Até de matar!!!

Sem se lembrarem de que o mais certo é não estarem ali se eles não tivessem librado da Guerra de Espanha e da maior hecatombe da História! Louvaminhando **Aristides de Sousa Mendes**, sem recordarem os muitos milhares de judeus que encheram Lisboa, a Ericeira, as Caldas da Rainha, viajando em comboios especiais postos ao seu serviço com partida de Paris. O que se disse nestes dias loucos! Até o simpático e saltitante **António Vitorino** referiu — seria o SIS que o informava? — que o resultado se ficara a dever a uma «minoría activista». Até o arguto **Ângelo Correia** atribuiu a vitória de **Salazar** à ignorância, não pensando talvez que o Povo comece a estar cansado de políticos esbanjadores que já podiam ter construído duas OTA's e dois TGV's sem nos andarem a carregar nos impostos! Até o **Jorge Coelho** acusou a gente de falta de memória, ele que disse que a culpa não mais morreria solteira quando a ponte levou um ror de vidas Douro abaixo. (Nestes momentos, lamento que nos tenha fugido desta trincheira o dr. **Barreiros**) o político sério que um dia podia, se quisesse, iluminar Macau com todas as luzes!).

Valeu a pena ver a **dra. Ana Gomes**, regressada das lides do Guantanamo, a confessar-se emocionada por ver as crianças dos antipodas com livros onde figurava o «Vasco da Gama» e a deslocar «urbi et orbi» que «atrás de uma mulher, à frente ou ao lado está sempre um homem». Nunca mais esqueçamos um «defensor» a declarar que o Infante cheirava mal dos pés e que podia ser considerado o **Bin Laden** da época!! Como não mais olvidaremos a

acusação feita a **Pessoa** de que gostava demasiado da pinga!!! Até poderíamos lembrar o que o **José de Melo** assinala no seu preciso livro «Abordagens»: — «Um dia o filho do principal sócio da firma em que **Pessoa** era correspondente resolveu averiguar porque saíria tantas vezes **Fernando Pessoa** do escritório. **Pessoa** não tinha horário fixo, mas as saídas intrigavam o moço. Perto da firma, havia uma sucursal do **Abel Pereira da Fonseca** e **Pessoa** ia lá de vez em quando matar a sede. O rapaz, descoberta a charada, não se contém e comenta: — “O senhor, desculpe, é uma esponja!...” Réplica de **Pessoa**: — “Uma esponja, não! Uma loja de esponjas com armazém em anexo!”...» (Um episódio para amenizar a crónica já dilatada). Mas o apogeu da noite em que **Salazar** ressuscitou, por obra e graça de «antifascistas» infantis, foi quando **Jaime Nogueira Pinto** era interrogado pela inefável **Maria Elisa**. A pergunta já levava incluída a resposta que **Elisa** desejava, mas **Nogueira Pinto**, sério e pronto, dispara directo: «... mas a **Maria Elisa** quer que eu responda, ou deseja responder por mim?!» Fulminante! A sala emudeceu. Até a **D. Odete**, a grande democrata, se esqueceu de «mastigar» a Constituição!... Grande noite. Grandes beijas!...

P.S.: Nestes dias festivos, em que meninos e meninas de todas as idades cantam contentes, de dedo espetado no ar, os 50 anos da RTP, dei comigo a pensar num amigo que foi uma das células-base dos primórdios da televisão. Ainda não o vi na pantufala festiva. Chama-se **Fernando Lopes** e é o cineasta actual mais ilustre do País que ficou. É um talento, um coração sensível, um companheiro inidivíduo. Igual à sua modestia e simplicidade apenas a força do seu engenho e arte. É de uma injustiça enorme esquecê-lo nestes dias! Foi testemunha da sua valia. O nosso Primeiro-Ministro diz-se empenhado em lograr que os cerca de meio milhão de trabalhadores que não têm o 12.º ano alcancem essa meta o mais rapidamente possível. Talvez fosse útil pedir-lhe que evite que o ministro **Mariano Gago** encerre rápida e definitivamente a Universidade Independente. Com as provas já dadas, essa escola podia ser um manancial rápido e inesgotável de talentos diplomados!... Sem domingos nem feriados.

nião

defesa da liberdade e da democracia

o nome de António Oliveira Salazar jamais seja escrito ou pronunciado em Portugal

— Que o nome de António Oliveira Salazar jamais seja es

ALFREDO FARINHA(*)

EMBORA o resultado já fosse mais do que esperado, não obstante os desesperados e quase patéticos esforços de **Maria Elisa**, ao longo de toda a semana anterior, para desmentir os cada vez mais insistentes e calorosos rumores de que **Salazar** iria alcançar uma vantagem expressiva no escrutínio, por telefone e por iniciativa do leitor interessado, para a eleição do «*Maior Português de Sempre*», a notícia caiu como um raio no estúdio da RTP e retumbou com o estrondo de uma bomba atômica por todo o País, ainda a pé e sem sono, apesar do adiantado da hora, no momento em que a principal responsável pelo «concurso» anunciou «*urbi et orbis*», no tom mais solene e seguro que a constrigente circunstância lhe permitia — a ela, que toda a noite se esforçara por favorecer os argumentos, as parvoeiras e os dichotes oriundos de algumas «cloacas» com forma de bocas humanas, no «democrático» propósito de anular «*in extremis*» as probabilidades da vitória do favorito — a vitória de **António de Oliveira Salazar**. Consumara-se o sonho lindo de alguns milhões de portugueses, convertera-se na insuportável realidade do factor consumado o pe-sadelo de muitos outros. Ainda por cima, o facto de o escrutínio ter sido acompanhado, desde o ponto de partida até à linha da meta, por uma empresa estrangeira de auditorias (Estrangeira! Que vergonha para as nossas avezinhas!) não consentia sequer o recurso à desculpa ou ao protesto habituais nestes casos, que consistiria em alegar falsidades e «chapeladas» a esmo. Se, «*lá no etéreo assento aonde subiu*», ou, segundo outros, «*lá no profundo abismo em que foi con-denado a passar a eternidade*», o antigo Presidente do Conselho pudesse ver e ouvir os comentários e as explicações atabalhoadas dos «*ven-cidos e ofendidos*», não deixaria de soltar uma gargalhada. Demasiado, com efeito, estava ele habituado a ouvir os anjos e arcanjos de toda a «esquerda», conhecidos no mundo in-teiro pela reluzente pureza com que, nos países paradigmáticos do sistema, como a URSS, a Roménia, a China ou Cuba, decorriam os sufrágios políticos, tão insuspeitosamente sérios e creíveis que a regra era serem os candidatos eleitos por maiorias entre os 97 e os 99, 9 por cento.

Tanto assim que, mal foram anunciados os resultados e **António de**



— ANDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA

«O que conta, verdadeiramente, é a “Obsessão-Salazar”, como se ele não estivesse morto e sepultado na sua aldeia natal (...) e pudesse aparecer por aí, não numa manhã de nevoeiro, como D. Sebastião, mas numa noite de relâmpagos e trovões»

brado raivoso e blasfemo: «*Foi a primeira vitória do ditador, nas urnas*».

Esqueceu-se de dizer qual foi a primeira derrota. E também não seria capaz de citar o local, o dia e a circunstância em que qualquer dos ditadores comunistas e socialistas (como por exemplo **Estaline** e **Hitler**) obtiveram o seu primeiro triunfo, que, a ter existido, teria sido também o único, por escrutínio democrático. Se, como é inevitável e comum a todas as pessoas sérias, não for capaz de responder com acerto, há-de permitir que lhe perguntem a história do livro «O Ditador».

Salazar sempre vencedor, Cunhal sempre vencido, mas nem a morte os separa

Não sei se a máquina política de **Salazar**, efectivamente bem montada, ainda que muito menos que a do actual Primeiro-Ministro, incluía o recurso à

critico ou pronunciado em Portugal

mentiras e insultos, uns como vítimas, outros como testemunhas do «*mau génio do tirano*».

Querem uma prova de grande visibilidade e actualidade? Ai a têm: procurem recordar-se das caritas chupadas e macilentas de alguns meninos e meninas (calma, minha gente, que o mundo não acaba amanhã, nem alguns dos melhores atributos da juventude começam a enfraquecer antes de dobrado o cabo dos sessenta...) que integravam a claqué de **Cunhal**. São capazes de me dizer quantos deles chegaram a tempo de ver e ouvir ao vivo o vencedor de todas as batalhas contra o totem político que escolheram... ou lhes foi imposto? E, todavia, mais de metade da propaganda esquerdista e das infâmias vomitadas contra **Salazar**— corre por conta e risco de alguns meninos e meninas, que, graças a Deus e à pessoa que tanto odiavam, consegui, em pouco mais de quatro décadas, remir Portugal dos erros sem fim e sem perdão cometidos pela Primeira República, (des)governada, em boa parte, pelos avós, os papás, os titis e respectivos bandos de amigos dos políticos «à cafreal» que, desde uma gloriosa manhã de há 33 anos (e tão pouca obra feita!) estão à frente dos destinos de Portugal.

Já agora, para que não fique solteira a besteira (rima e é verdadeira...) acima transcrita («era a primeira vez que **Salazar** ganhava com os votos») apraz-me registar que o seu autor foi, nem mais nem menos, na véspera do escrutínio, o iluminado sr. **Luís Marinho**, director de informação — sabem de que órgão de comunicação social? Exactamente... Da nossa muito querida, muito isenta e muito bem dirigida RTP, produtora, realizadora ou lá o que seja do programa que tanta celeuma tem suscitado.

Há dias, num blogue assinado por **José Medeiros Ferreira** e publicado no DN, perguntava-se, muito a propósito, mas sem destino certo, se a referida frase do sr. **Marinho** se deveria a um impulso de campanha eleitoral ou se não passaria, antes pelo contrário, «*apenas de uma manifestação de humor negro por parte de quem tem nas mãos a qualidade de informação pluralista na estação pública de televisão*».

Tivesse ganho Cunhal ou Aristides e o concurso teria sido bestial

Na verdade, caro **Luís Marinho**, o

realização. Tivesse ele conduzido à eleição de **Mário Soares** (que continua a pagar caro, como oportunamente lhe previ, o tremendo erro de candidatura, aos 81 anos, a terceiro Mandato para a Presidência da República, ou à escolha de **Aristides Mendes** (um conservador trazido para o altar dos mártires socialistas por razões mais que óbvias e mais do que falsas e hipócritas), ou no mínimo à humilhação de **Salazar**, se lançado para um dos últimos lugares da lista dos dez, e tudo acabaria em paz e em clamar de vitória. Porque, no ideário e na programação de actividades dos nossos políticos (todos de formação e extracção partidária, como salientei no artigo de há uma semana) o que conta não é a obsessão do défice, nem a obsessão da OTA, nem qualquer outra que tenha a ver com os problemas e os interesses reais do País e da Nação. O que conta, verdadeiramente, é a «Obsessão-Salazar», como se ele não estivesse morto e sepultado na sua aldeia natal (em campanha rasa; caso contrário, já os valentões que foram a Santa Comba decepar a cabeça à sua estátua, ou aqueles que, sob a protecção da GNR e o consentimento do ministro **A. Costa**, vêm tentando impedir a instalação de um Museu no que resta daquela que foi a casa de uma família portuguesa honrada e feliz) e pudesse aparecer por aí, não numa manhã de nevoeiro, como **D. Sebastião**, mas numa noite de relâmpagos e trovões, para pedir-lhes contas da «Pesada Herança», como lhe chamou e foi a única coisa certa que disse e fez o general de aviário **Vasco Gonçalves**, a herança de um dos maiores países-vedetas da História Universal, agora reduzido à dolorosa situação de último da Europa, ao qual tudo foi tirado, desde a terra ao mar, do orgulho à esperança, da identidade ao carácter.

É isso mesmo. Têm medo de **Salazar**: não do **Salazar** que jaz morto e sepultado num pequeno cemitério de província, mas daquele que, resistindo a todas as campanhas de difamação, tão violentas, extensas e permanentes que chega a parecer de origem sobrenatural a força que o mantém «vivo e firme», desejado e venerado como nunca, no coração do Povo — que ele nunca enganou, roubou ou atraíçooou.

Nem **Luís Marinho**, nem **Maria Elisa**, nem **Medeiros Ferreira**, nem nenhum dos políticos de meia tigela e comentadores ou jornalistas que exercem a sua actividade longe do Povo, acomodados às falsas certezas que foram ajudando a construir e conservar, seriam capazes de prever esta ressurreição dum mito que tinham como defini-



sempre vencedor, Cunha sempre vencido, mas nem a morte os separa»

ou mortos, para, à sombra da mesma bandeira, retomarem todos a tarefa urgente, cada vez mais urgente, de restauração da Pátria doente e ferida.

Teremos deixado de merecer homens como Camões, Pessoa, João II, Gama e D. Henriques

Em prosa mais ou menos romancada, mas espontânea e sentida, terá sido esse o verdadeiro sentido da eleição inequívoca de **Salazar** para o título, porventura absurdo, perverso e inútil, de maior ou melhor português de sempre, a qual, precisamente por se tratar de uma iniciativa estúpida e inconsequente, tão desencontradas reacções provocou e, da parte dos vencidos, tantos rancores e manifestações de mau perder trouxe à superfície.

Que não haja, todavia, interpretações erradas a respeito do tom moderado e conciliador com que os «eleitores» do antigo Presidente do Conselho, entre os quais, obviamente, se coloca o autor, celebram a vitória do seu candidato. Prescindir de embandeirar em arco, para não sobrevalorizar o acontecimento nem acirrar os ânimos doridos dos adversários, está longe de querer dizer que abdicamos da justa satisfação de se haver ganho — contra tudo e contra todos — o sempre e ainda assim excêntrico concurso, aliás também realizado noutros países, com a particularidade curiosa e porventura significativa de os respectivos vencedores terem sido, nesses também, de origem política próxima do liberalismo e daquilo a que chamamos hoje — extintas a velha Esquerda e a velha Direita — o Centro, com tendência para um lado ou para o outro. Não tenhamos dúvidas a este respeito: tanto a Esquerda como a Direita, puras, sem mescla moderadora, já não existem senão a partir do Centro. Portugal, com os seus politicozinhos de pacotilha, deve ser hoje, aliás, um dos raros países da Europa onde um Primeiro-Ministro, um Presidente da Câmara ou um contínuo afirma «ser de esquerda». Ainda não tiveram tempo, evidentemente, de aprender a falar o politicamente correcto...

Mas dizia eu que, mesmo renunciando a festejar o triunfo num concurso tão expressivo da descaracterização e decadência dos portugueses que atira para os seus últimos lugares com perso-



«Salazar sempre vencedor, Cunhal sempre vencido, mas nem a mo

com os vencidos na venenosa tentativa para desacreditar o significado do concurso, visando, claro, desqualificação da personalidade e do mérito do seu vencedor. Somos realistas e pacíficos, mas não somos parvos e sabemos perfeitamente que, se vocês (os anti-salazaristas dos outros personagens do painel, em número de nove (nove contra 11) tivessem conseguido obter pelo menos uma pequenina vitória, como a colocação de **Cunhal** à frente de **Salazar**, ou a classificação deste numa humilhante proximidade com a lanterna vermelha, ou até, em derradeira e desesperada hipótese, a vitória do antigo Presidente do Conselho, sim senhores, mas apenas com um ou dois pontos de vantagem sobre um dos próximos concorrentes. Mas como chamar assim a qualquer dos outros nove, se «o mais próximo» ficou à distância de 222 por cento do cada vez mais famoso e vitorioso ex-Professor de Coimbra? Experimentem os leitores (não só do lado dos vencidos, que são completamente incapazes dum acto de humildade desse género) fazer o seguinte exercício de imaginação: suponha que o pleito tinha sido ganho por **Cunhal** ou **Aristides**. Alguém, neste País, durante meses a fio, podia com a vida dos comunistas, socialistas e bloquistas?

Mas a verdade, a grande, luminosa e inquestionável verdade, é que, digase o que se disser do peregrino certame, recrimine-se até ao infinito, com toda a razão, a indignidade nacional de se ter atirado com um punhado dos maiores portugueses de sempre para o «caixote das bugangas», numa prova arrepiante de que já deixámos de os merecer, **António de Oliveira Salazar** regressa, contra tudo e contra todos, a um lugar de onde, afinal, nunca chegou a ser desapossado — o seu lugar, para sempre, na História de Portugal, ao lado, pelo menos, dos que chegaram a conseguir fazer deste pequeno País uma das mais poderosas e brilhantes potências mundiais.

Vitória total, contra tudo, contra todos e em todas as frentes

Batidos em todas as frentes e impe-

tenho bem nos olhos a imagem, impressionantemente grotesca, de uma velha e não formosa matrona, de raciocínio e poder de argumentação inversamente proporcionais à abundância do pneu, a qual, ao ouvir **Maria Elisa**, que nem sempre tratara com correcção, deu um pulo na cadeira e, de olhar gazeado e furibundo, como se estivesse prestes a comer este mundo e o outro, desatou aos berros, gesticulando, ameaçando, dizendo que a nossa Constituição não permitia a propaganda fascista, sem reparar que, ali, se havia alguma pessoa que pudesse ser acusada de tal irresponsabilidade era ela própria e mais ninguém. Disseram-me que a «senhora» era deputada da Nação. Não acreditei. E o leitor, se não perdeu o saboroso pratinho televisivo, acreditou?... Não pode haver mais dúvidas; estamos mesmo a bater no fundo.

Quem primeiro sempre se lembrou de atribuir a vitória de **Salazar** a um «voto de protesto» (contra o Governo, contra a UE, contra a falta de protecção às Pescas e à Lavoura, contra tudo e contra todos, em suma) tese em que o inteligente e bom argumentador **Paulo Portas** também chegou a pegar, mas sem brilho, sem convicção e sem chama, foi o Prof. **Rosado Fernandes**, que, com a falta de argumentação e de coerência, nele bem rara, não logrou convencer ou contagiar ninguém.

O mesmo aconteceu, aliás, a todas as tentativas de explicar o fenómeno a partir de argumentos tão insanos e pueris como aquele, nomeadamente o de que fora a votação dos velhos que ditara o resultado. Ora, se os autores de tão peregrina explicação fossem ligeiramente menos estúpidos, deveriam ter pensado que, se alguma mais-valia devesse atribuir-se a especificidade de determinados votantes — o que, em democracia corresponde a na sacrilégio os votos mais valorizados seriam, precisamente, os das pessoas que tenham hoje para cima de 65 anos, por serem, praticamente, as únicas que, tendo supor-tado as consequências terríveis dos destrambelhos republicanos cometidos entre 1910 e 1928, tendo vivido a maior parte da sua vida útil e matura na vigência do «consuldo» salazarista e padecendo, há mais de trinta, os desvarios e demagogias duma classe política



orte os separa»

«estoridores da vergonha» que por aí pululam, muitos deles ainda «em projecto», de cueiros, ou de bibe e calção, quando o «tirano dei-xou de oprimir o Povo», a grande maioria dos portugueses o odiava, ansiando pela sua morte (nessa nem, **Otelo**, que terá pedido e obtido a honra de alombar com o seu caixão, acredita), por que terão os mais idosos votado maioritariamente nele, sendo por pensarem e sentirem que **Salazar** fora, de facto, «o maior português que tinham conhecido»? Se fosse lícito (e não é) estabelecer graduações de valor entre «votos dos idosos» e «votos dos jovens», quais deles deveriam ser supervalorizados ou desvalorizados?

Viva a dor de corno... Mais a fábula da raposa e as uvas

No grande e diversificado «cesto de opiniões» recolhidas por alguns órgãos de comunicação, todos muito avaros e discretos, de repente, na produção de notícias e comentários próprios (Oh, que se tivesse ganho «um dos nossos», veríamos como os galos cantariam de noite e de dia!), mais uma vez se confirma a degradante mediocridade e falta de seriedade ou conhecimento dos portugueses que se dedicam à «porca da política», para não dizer à política dos porcos. Ainda cheguei a seleccionar meia dúzia delas, mas, por as achar, no geral, tão rascas e inexpressivas que não mereciam publicação, atirei com elas para o caixote do lixo, decidindo dedicar as últimas linhas ao anunciado propósito das esquerdas mais disparatadas e troglodíticas de exigir que a RTP seja chamada ao Parlamento a fim de prestar contas pela «borrada» da dra. **Maria Elisa** e do seu chefe, **Luís Marinho**. É claro que, como já foi acentuado, para essa gente, o concurso só foi uma «borrada» porque, além de não ter posto um tal **Mário Soares**, à força, entre os «maiores», pois a «voz do Povo» foi mais forte (e a empresa auditora estava a pau), ainda consentiu que **Salazar**, vencedor crónico de **Cunhal**, em vida, continuasse a «arrasá-lo» depois de morte, ainda por cima pelo forma mais

que facilmente se adivinha, estiveram, durante algum tempo, inacessíveis, indisponíveis, inoperacionais, ou coisa parecida. Mas então, o departamento técnico da RTP, com todos os avanços tecnológicos que se apregoam por aí, não arranjou maneira de... enfim... Bolas para tanta tecnologia!

Vai daí, na linha e no estilo dos desagravos da tal senhora que desatou aos pulos e aos berros quando foi anunciado o vencedor; em concomitância, também, com o já referido blogue de **Medeiros Ferreira**, na qual este verbera o director e informação da RTP por «não ter mãos na qualidade da informação pluralista na estação pública de televisão» (estão a topar?...), apareceram alguns partidos a exigir que **Luís Marinho** (e por que não, também, a ERC, o Presidente, os tubarões e os ministros da tutela?) compareça no «tribunal» de S. Bento para responder pela imperícia manual (não será melhor contratar um car-teirista?) com que tratou da borrada. O que pretendem com este recurso à ve-lha metodologia de Torquemada, não se sabe ao certo. Irão apenas repreender **Marinho** e **Maria Elisa**? Irão obrigá-los a declarar publicamente os seus erros e traições ao implacável «politicamente correcto»?

Um amigo, que tem a mania que bebe do fino, tem andado a matar-me o bicho do ouvido com outra e mais provável hipótese: «*Que a Assembleia da República aprove (com os votos dos habituais tráfugas do PSD e do CDS, não lhe será difícil chegar à maioria dos três quintos), uma decisão irreversível no sentido de que, no futuro e para toda a eternidade, seja punido com pena de prisão maior todo aquele que se atreva a escrever ou pronunciar, em terras ou mares de Portugal, o nome de António Salazar. Em nome da liberdade e da de-mocracia, que o decreto o Governar*».

Como o decreto, se o Governo proceder de harmonia com os patrões de S. Bento, deverá ser lavrado «EM DEFESA DA LIBERDADE E DA DEMOCRACIA», eu concordo. E só não assino por baixo porque não deixam.

Aliviado e feliz ficaria, por outro lado, se pudesse obter a garantia de que **Maria Elisa** não será incomodada. Seria uma tremenda injustiça, pois, como toda a gente viu, a antiga deputada do PSD, longe de mexer uma palha a favor de **Salazar**, fez tudo o que estava ao seu alcance para favorecer (sem grande escândalo) os adversários do antigo Presidente do Conselho, indo ao encontro, aliás, do apelo feito pelo distinto democrata **João Soares**, no sentido de desviar o fluxo dos votos favoráveis ao «Meio» Isto, «à base das urnas».

a Maria Barroso, presidente da «Fundação A. S. Mendes»

baixador desmistifica «lenda» Sousa Mendes

ceram misteriosamente dos arquivos
as peças dos processos que incrimina-
Mendes

ndes acumulou numerosos processos
es desde o longínquo ano de 1917, na l
até 1940

s, como foi denunciado pelos serviços
ada Britânica, cobrava dinheiro pela
e vistos e passaportes

classificado por vo-
espectadores no con-
ovido pela RTP «Os
portugueses», a figura

reduzido a metade, mas recebendo a
totalidade do salário correspondente
ao exercício.

Outra verdade que tem sido ocultada



pelo menos com grandes dificuldades
financeiras, isso deve-se a outros fac-
tores que não à não recepção do seu
vencimento normal em Lisboa. De-
mais, A. Sousa Mendes viveu sempre
com grandes dificuldades financeiras.

É óbvio que, quem tenha 14 filhos da
mulher, uma amante e uma filha da amante
não sairá nunca de grandes dificuldades
financeiras, salvo se tiver outros rendi-
mentos significativos, além do vencimen-
to de cônsul.

Vipelo artigo acima referido que a Sr.^a
Dr.^a M. Barroso é presidente da Fundação
A. S. Mendes, e só por isso lhe escrevo
esta carta e lhe remeto os elementos de
informação anexos.

Eu escrevi sobre Sousa Mendes, de
forma simpática, num livro publicado há
dois anos (Recordando o caso Delgado e

■ Desapareceram misteriosamente dos arquivos do MNE várias peças dos processos que incriminavam Sousa Mendes

■ A. S. Mendes acumulou numerosos processos disciplinares desde o longínquo ano de 1917, na I República, até 1940

■ S. Mendes, como foi denunciado pelos serviços da Embaixada Britânica, cobrava dinheiro pela emissão de vistos e passaportes

TERCEIRO classificado por votação dos telespectadores no concurso promovido pela RTP «Os Gran-des Portugueses», a figura de **Aristides de Sousa Mendes**, cônsul de Portugal em Bordéus no período da II Grande Guerra, continua envolto em muitos mistérios e alguma polémica. Para uns, **Sousa Mendes** é recordado como «um homem bom e justo» que, em Junho de 1940, contrariando as ordens do Governo de Lisboa, emitiu vistos e passaportes e, nalguns casos, chegou mesmo a atribuir falsamente a identidade portuguesa a milhares de foragidos, sobretudo judeus, que pretendiam, a todo o custo, alcançar lugares tidos por seguros. Como Portugal, que **Salazar** conseguiu manter neutral no conflito.

Para outros, o cônsul está longe de justificar o papel de «herói» que muitos lhe atribuem e, aqui e ali, tentam repor a verdade àquilo a que chamam a «falsificação da História» e, através de factos, muitos deles documentados, desmistificam a «lenda» **Sousa Mendes**. Bastará uma pesquisa atenta no arquivo do MNE ao processo do antigo cônsul — apesar de muitas peças do seu “dossier” terem misteriosamente desaparecido, sem que até hoje ninguém tenha procurado investigar quem foi o autor (ou autores) do “desvio” — para que algumas «verdades» deixem de o ser.

Ao contrário do seu irmão gémeo **César**, que também fez carreira na diplomacia tendo alcançado o posto de Ministro Plenipotenciário de 2.ª classe, **Aristides** arrastou-se entre postos consulares de pequeno relevo, foi acumulando processos e mais processos disciplinares desde o longínquo ano de 1917, na I República, até 1940, tendo acabado por passar à disponibilidade a aguardar aposentação, mas continuando a auferir a totalidade do vencimento correspondente à sua categoria (1.595\$30). O que desde logo «mata» a tese dos que teimam em acusar **Salazar** de ter encorajado o cônsul a dar o seu

reduzido a metade, mas recebendo a totalidade do salário correspondente ao exercício.

Outra verdade que tem sido ocultada pelos defensores de **Aristides Sousa Mendes**: o cônsul condicionava a emissão de vistos e passaportes ao pagamento de verbas e à obrigatoriedade de contribuição para um estranho «fundo de caridade» por si próprio instituído e gerido, situação que viria a ser denunciada junto do MNE quer pelos serviços da embaixada britânica quer por muitos dos que beneficiaram das «facilidades» de **Mendes**.

Também esclarecedora para a verdade sobre **Sousa Mendes** é a carta que o **Embaixador Carlos Fernandes (*)** dirigiu, em Maio de 2004, a **Maria Barroso Soares**, presidente da entretanto criada «Fundação Aristides de Sousa Mendes», quando esta pretendeu promover uma homenagem nacional, custeada com dinheiros públicos, ao antigo cônsul.

O **DIABO** teve acesso à referida missiva, bem como a algumas «notas soltas» que o embaixador lhe juntou, que aqui publicamos na íntegra.

Lisboa, 5/5/04

Senhora Dra. Maria Barroso Soares,



Salazar mostrou-se benevolente com A. S. Mendes em muitas alturas, nomeadamente quando, contrariando o Conselho Disciplinar do MNE, que propôs a descida de categoria ao cônsul, apenas lhe aplicou a pena de inactividade por um ano, com o vencimento de categoria reduzido a metade, mas recebendo a totalidade do salário correspondente ao exercício

Um antigo embaixador de Israel em Portugal, que foi «instrumental» na mitificação de **Aristides Sousa Mendes**, publicou há dois dias no Diário de Notícias, a propósito do aniversário daquele antigo cônsul, um artigo de elogio a **Sousa Mendes**, reincidindo em duas mentiras que foram fundamentais para aquela mitificação:

a) que foi expulso da carreira diplomática;

Handwritten text in Portuguese, likely a letter or official document, mentioning names like 'Lisboa, 5/5/04' and 'Senhora Dra. Maria Barroso Soares'.



«As dificuldades financeiras de Sousa Mendes deveram-se a outros factores (...) É óbvio que, quem tena 14 filhos da mulher, uma amante e uma filha da amante não sairá nunca de grandes dificuldades financeiras»

b) que morreu na miséria (depreendendo-se que por ter sido expulso da carreira diplomática e sem vencimento).

Ora, tanto quanto eu pude averiguar, primeiro, Sousa Mendes nunca foi da carreira diplomática, pertencendo sempre à carreira **consular**, que era diferente, e, em princípio, mais rendosa; depois, nunca dela foi expulso: como conclusão de um 5.º processo disciplinar, foi colocado na inactividade por um ano, com metade do vencimento de categorias e, depois desse tempo, aguardando aposentação com o vencimento da sua categoria (1.595\$30 por mês) até morrer, sem nunca ter sido aposentado, situação mais favorável do que a aposentação.

Portanto, se morreu na miséria, ou

pelo menos com grandes dificuldades financeiras, isso deve-se a outros factores que não à não recepção do seu vencimento normal em Lisboa. De mais, A. Sousa Mendes viveu sempre com grandes dificuldades financeiras.

É óbvio que, quem tenha 14 filhos da mulher, uma amante e uma filha da amante não sairá nunca de grandes dificuldades financeiras, salvo se tiver outros rendimentos significativos, além do vencimento de cônsul.

Vi pelo artigo acima referido que a Sr.ª Dr.ª M. Barroso é presidente da Fundação A. S. Mendes, e só por isso lhe escrevo esta carta e lhe remeto os elementos de informação anexos.

Eu escrevi sobre Sousa Mendes, de forma simpática, num livro publicado há dois anos (Recordando o caso Delgado e outros casos, Universitária Editora, Lisboa, 2002) de págs. 27 a 30, porque o conheci e tive ocasião de ajudar dois dos seus filhos, um em Lisboa e outro depois em Nova Iorque quando lá era cônsul.

Nada me move contra A. Sousa Mendes, antes o contrário, mas não posso pactuar com a mentira descarada e generalizada. Salazar é atacável por várias razões, mas não por ter «perseguido» A. Sousa Mendes, que, aliás, teve problemas disciplinares em todos os regimes de 1917 a 1940.

Quando fui director dos Serviços Jurídicos e de Tratados do MNE tive de estudar o último processo disciplinar de A. Sousa Mendes, de cuja pasta retiraram já muitas peças.

Por outro lado, o meu amigo Prof. Doutor Joaquim Pinto, sem eu saber, fez um estudo bastante completo sobre A. Sousa Mendes, e com notável imparcialidade.

Eu não pretendo vir a público atacar ou defender A. Sousa Mendes, e, por isso, nem penso rectificar o artigo do embaixador de Israel, mas em abono da verdade, e para seu conhecimento, entendo ser meu dever remeter-lhe cópia do estudo e notas em anexo, de que poderá fazer o uso que entender.

Com respeitosos cumprimentos,

Carlos Fernandes

(*) Embaixador Carlos Augusto Fernandes, licenciado em Direito, com distinção, pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Entrou no MNE em Abril de 1948 como adido de Legação. Foi cônsul de Portugal em Nova Iorque e Encarregado de Ne-

Handwritten text in Portuguese, likely a letter or document related to the subject of the article.

Letra, 5/5/08

Paulina de Deus Sousa, filha de Antão de Deus Sousa e Maria de Deus Sousa, nascida em 1915, foi "instrumental" na criação do Antão de Deus Sousa, filho de Antão de Deus Sousa e Maria de Deus Sousa, nascido em 1915, e foi "instrumental" na criação do Antão de Deus Sousa, filho de Antão de Deus Sousa e Maria de Deus Sousa, nascido em 1915.

Paulina de Deus Sousa, filha de Antão de Deus Sousa e Maria de Deus Sousa, nascida em 1915, foi "instrumental" na criação do Antão de Deus Sousa, filho de Antão de Deus Sousa e Maria de Deus Sousa, nascido em 1915, e foi "instrumental" na criação do Antão de Deus Sousa, filho de Antão de Deus Sousa e Maria de Deus Sousa, nascido em 1915.

Paulina de Deus Sousa, filha de Antão de Deus Sousa e Maria de Deus Sousa, nascida em 1915, foi "instrumental" na criação do Antão de Deus Sousa, filho de Antão de Deus Sousa e Maria de Deus Sousa, nascido em 1915, e foi "instrumental" na criação do Antão de Deus Sousa, filho de Antão de Deus Sousa e Maria de Deus Sousa, nascido em 1915.

posso pactuar com a mentira descarada e generalizada. Salazar é atacável por várias, mas não por ter "perseguido" A. S. Mendes, que, aliás, teve problemas disciplinares

Aristides Sousa Mendes

Algumas Notas

um «memorandum» da Embaixada Britânica, datado de 20/6/40,
e:

O cônsul de Portugal em Bordéus protela para fora das horas de
diante todos os pedidos de vistos, e cobra por eles taxas extraordi-
s. Pelo menos num caso foi ainda o interessado convidado a
tribuir para um fundo português de caridade antes de ser-lhe

Processo

Despacho de Salazar preparado pelo Secretário Geral:

«Atendendo a que às infracções cometidas, não tendo em consideração a reincidência, cabe a pena do n.º 8 do artigo 6.º do Regulamento Disciplinar;

Atendendo a que do relatório consta “e o Conselho reconhece a incapacidade profissional do arguido para dirigir consulados, especialmente os da sua categoria”;

Condena o cônsul de 1.ª classe, Aristides Sousa Mendes, na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento de categoria, devendo em seguida ser aposentado.

Lisboa, 30 de Outubro de 1940

a) Salazar».

Imputadas Faltas (Desde Novembro de 1939 a fins de Junho de 1940):

- a) desobediência
- b) falsificação de escrita
- c) abandono do lugar
- d) concessão (imputação do Embaixador Britânico, de 20/6/40)
- e) vistos a austríacos, espanhóis, luxemburgueses e polacos

Atribuiu falsamente a nacionalidade portuguesa ao casal Miny, em 30/5/40.

Em 18 e 19/6/40, vai a Bayona impondo ao cônsul ali a concessão de vistos, quer de trânsito quer de residência, independentemente de consulta.

Como o cônsul Faria Machado objectasse, afirmou-lhe, falsamente, que recebera instruções nesse sentido e que fora a Bayona expressamente para lhas comunicar.

*

Já assim procedera em Novembro de 1939, quando ainda não havia exodo de França, o qual só começou em Maio/Junho de 1940.

*

Não propôs à Secretaria de Estado mudanças das instruções com que depois disse não concordar, nem mudança de posto.

*

Justificou a falsificação da identidade dos Miny com o humanitarismo.

*

Era já o 4.º processo disciplinar de Aristides (1935, por declarações públicas; de novo em 1935, por irregularidades na contabilidade consular; em 1938, ausentou-se do seu posto na Bélgica e veio a Portugal sem autorização quer da Legação em Bruxelas quer de Lisboa; e ainda outro que foi instruído pelo Dr. Francisco António Correia).

*

De 1937 a 1939, consta uma extensa lista de repreensões e censuras. Já em 1917 fora repreendido por se ausentar de Zanzibar.

*

O Conselho Disciplinar do MNE propôs a pena de regresso à categoria

GODINHO GRANADA (*)

Houve um Portugal do Estado Novo, dentro e fora do País, e esse Portugal foi o último que se assumiu e viveu como um destino»

Eduardo Lourenço

O Professor António de Oliveira Salazar morreu pelas nove horas e quinze minutos do dia 27 de Julho de 1970.

Esteve no Governo de Portugal desde 27 de Abril de 1928 como ministro das Finanças primeiro e como presidente do Conselho de Ministros desde 5 de Julho de 1932.

Apesar de, sobre o seu desaparecimento deste mundo terem já decorrido mais de 36 anos, cada vez se fala mais dele, continua o seu nome a ser invocado e nunca o foi tanto, como nos tempos que correm.

Após a revolução de 1974, procurou-se diabolizar a sua memória. Salazar passou a ser culpado e responsabilizado por todas as malfetorias do regime, carregando a sua memória com todos os ódios e rancores dos próceres e militantes do revirralho, como dos conversos fanáticos de última hora.

Ao regime do Estado Novo e ao seu mentor, passaram a ser assacadas todas as malfetorias, sem que desse tempo transparecesse algo de útil ou de benéfico.

Aqueles que, de maior idade, fizeram o percurso das suas vidas nos tempos e sob a tutela política do regime passado e que conservaram a integridade da memória e a lucidez do raciocínio, souberam que não era assim e logo acusaram o logro. Os mais jovens, a quem na sociedade e na escola, comunicação social e manuais de história impingiram mentiras ocultando a verdade dos factos, deturpando passados e memórias, embarcaram nele, de consciências violentadas.

Uma propaganda constante, intensiva e feroz, determinou a atribuição de todos os qualificativos detestáveis ao Estado Novo e ao seu maior responsável, numa campanha cerrada de rancores e de ódios, como o país já não via desde a viradeira de 24 de Fevereiro de 1777 quando, com a morte de D. José I, se

vos e amaldiçoada a memória dos mortos.

Passou a estar na moda, a ser correcto e de bom tom, proclamar a maldade sistemática do passado, tecer loas à novidade, adorar o regime novo, venerar a democracia formal e invocar prisões, torturas e perseguições. Quem não tivesse estado preso, ou, pelo menos, sido vítima de alguma carga policial em correrias ou arruaças de antes de 25/4, nem era bom cidadão, nem pessoa de bem, nem digno de respeito ou de consideração social e, muito menos, aceitável em função administrativa, pública ou privada.

Com o tempo, tudo se foi modificando.

Os portugueses começaram a aperceber-se das inverdades e dos logros, das trapças e das fraudes que lhes tinham sido impingidas.

E tão baixo desceu a consideração da gente comum pelos seus governantes, que passou a ser corrente ouvir-se nas ruas e nos cafés, nos mercados e nos transportes públicos, o comentário escarninho, dito e repetido, mas dorido, de que «nem dez Salazares endireitam isto». Isto, é o Portugal pós-abrilhino.

Os portugueses começaram a lembrar-se dos tempos em que seus pais, com o seu salário, bastavam ao sustento da casa e suas mães, no lar doméstico, com prodígios de zelo e poupanças governavam a economia caseira, proviam às necessidades da família, educavam a prole, acompanhavam as crianças e os velhos.

E começaram a comparar com os tempos posteriores em que o salário do pai, tornado insuficiente, obrigou a mãe a sair para o trabalho, deixar os filhos entregues a si próprios e, ainda assim, a família, todos os meses a correr ao banco e à usura, para levantar e gastar novo salário antes de o ganhar e de o receber e de tal modo a entrar na espiral de crédito em que as prestações se acumulam vencidas e não pagas e os velhos são armazenados em lares de tão parcas condições como altos preços.

Lembram-se ainda os portugueses da tão difamada Mocidade Portuguesa que orientava e estimulava a juventude de então para activida-

(ou não).

Lembram-se os portugueses da velha história, ilustrada, dos seus livros de leitura, segundo a qual em família modesta e honrada, de pai, mãe e filho, o pai sai para o trabalho da lavoura e de lá regressa com belo e suculento cacho de uvas que oferece à mulher, em gratidão pelos seus cuidados domésticos. A mulher, comovida e agradecida, não toca no cacho de uvas e dá-o ao filho, para que o coma na escola. O miúdo, pensando que quem merece as uvas é o pai, trabalhador esforçado e dedicado, não lhes toca e oferece-as ao progenitor. E assim rodou o belo cacho de uvas pela família, cada um se privando delas em proveito do outro.

Se o tema fosse tratado hoje, selo-ia de modo bem diferente. A lição diria que as uvas tinham sido comidas pelo primeiro que as apanhou, deixando os restos para os outros limparem.

Com efeito, a paradigmas de esforço, de ternura e de altruísmo, sucederam outros de comodismo, de consumismo e de egoísmo.

Hoje, os filhos exigem dos pais e estes dos filhos, o que uns e outros, não podem, nem sabem, dar-se reciprocamente. As escolas, são meros percursos para justificar diplomas sem valor prático. Era, indubitavelmente, maior o somatório de conhecimentos em quantidade, em qualidade e em utilidade, de um português saído da antiga instrução primária que hoje se diz equivaler ao quarto ano de escolaridade, do que o de qualquer contemporâneo com o diploma do décimo segundo ano.

E a comprová-lo, aí está o renovado interesse actual pelos velhos livros da instrução primária, reeditados, que se exibem e vendem nas livrarias de todo o país, ostentando os símbolos da Mocidade Portuguesa.

Meio século depois!

Lembram-se os portugueses da respeitabilidade, cultura, maneiras e prudência dos governantes de outros tempos e comparam com os estadistas de agora, saídos das simpatias partidárias e dos jogos de influências políticas.

E lembram-se, particularmente do presidente do Conselho de ou-

E lembram-se de quando o país, em 1940, doze escassos anos após a revolução, se apresentou com o orçamento equilibrado, a moeda valorizada, fartas reservas de moeda e ouro, as finanças refeitas, a economia restaurada, a celebrar em paz, com pompa e circunstância na Grande Exposição do Mundo Português, os seus 800 anos de independência (1140) e os 300 da sua restauração (1640), ao tempo em que além fronteiras explodia tragicamente a guerra que havia de destruir cidades inteiras, matar e inutilizar milhões de seres humanos e que, por fim dividiria o mundo entre potências de oriente e de ocidente, sob a ameaça, que se mantém, de destruição maciça.

Comparam os portugueses, aquela exposição com a recente Expo Internacional (foi chic pronunciar Echxpó), em que o país se endividou para exhibir pavilhões estrangeiros e jorros de água e de que restam mamarrachos de betão, centros comerciais, cafés e restaurantes, a minimizar derrapagens finan-

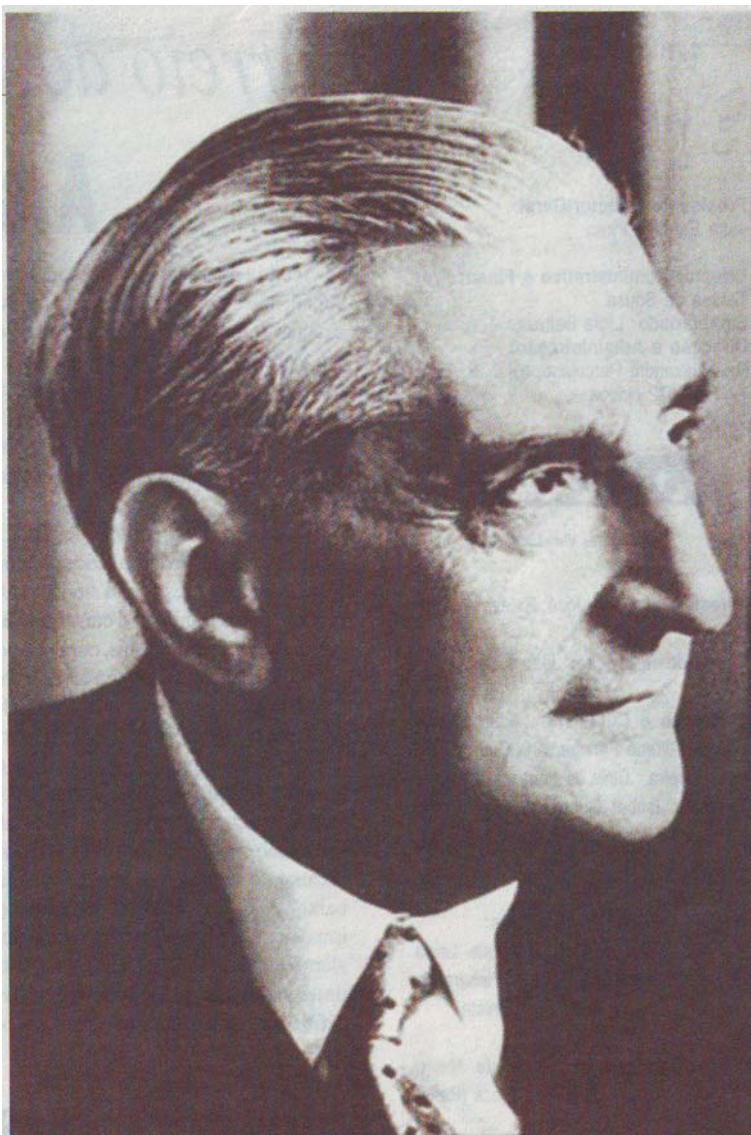
Docas de Belém, a Praça do Império, o Museu de Arte Popular, tudo pago e saldado a pronto, pelo tesouro nacional.

Lembram-se os portugueses dos tempos em que deixavam as chaves nas portas e deambulavam, em total segurança, a qualquer hora do dia ou da noite, pelas ruas, praças e jardins das suas terras. E comparam com os assaltos, os roubos, os sequestros e as agressões que os vitimam agora, sem protecção eficaz e sem reparação capaz.

E lembram-se os portugueses de quando os seus soldados eram chamados a pegar em armas apenas para defender as terras que eram suas e agora o fazem em defesa de terras alheias.

E lembram-se de quando tinham, ao pé da porta, médico e hospital e as crianças nasciam nas suas cidades, vilas e aldeias, quando agora se morre à espera das ambulâncias e se nasce nelas.

Por tudo isto - e muito mais poderia invocar-se, é natural que os portugueses tenham caído em



«Salazar teve o seu tempo, a sua época e as suas circunstâncias. O modo como as viveu e enfrentou, merece o reconhecimento e a gratidão dos portugueses. Por isso

explicação.

Pormuito menos, em países civilizados, políticos mais relevantes do que **Sócrates** pagaram caro, inclusivamente com o termo da sua vida política. **Sócrates** tem de esclarecer tudo, sem dúvidas e já.

■ UM «CANUDO» SIMPLEX

«Os únicos documentos apresentados como “o dossiê Sócrates” na Universidade Independente são um conjunto de papéis soltos, sem numeração, nem qualquer carimbo da instituição» — diz o «Expresso». Simples, não? Não! «Simplex»!

■ OS EMBARAÇADOS DE SALAZAR

Foi notório, mas basto risível, o embaraço compungido com que os anti-salazaristas primários, desde a atenta e veneradora ex-funcionária de **Ramiro Valadão**, **D. Elisa**, aos pândegos vendedores de certezas absolutas que peroram na «Quadratura do Círculo», tipo **Pereira & Coelho**, tentaram desvalorizar o resultado do concurso «Grandes Portugueses».

Assim sendo, pergunta-se à primeira, se a coisa não tinha tanta importância, como agora se pretende, por que se gastou tanto dinheiro nisso e, principalmente, por que diabo tentaram, a todo o custo, logo à partida, e à sorrelfa, excluir **Salazar**?

Por seu turno, os habituais comentadores de altíssimo gabarito da nossa praça dão voltas à moleirinha para «desconstruir» o «fenómeno». As teorias saem em catadupa daqueles cérebros a resfolegar como os comboios antigos, no Entroncamento e concluem que, ago-

li» nunca será — isso sim — a dos políticos, mesmo os «eleitos», nem a de uma comunicação social e respectivos comentadores, todos a comerem da mesma gamela de interesses e mordomias. Vejam como eles se tutuam, se elogiam, se nomeiam, se escolhem, para que a rede de influências mediáticas e a estabilidade de interesses se mantenha inalterada. Não é isso bem claro? As algazarras e os silêncios não são os mesmos? A verdade e a mentira, os factos e os não-factos, as notícias e as não-notícias, quem os determina? Quem os «fabrica»?

Uma coisa é certa: não é o povo que tudo paga e tudo sofre, particularmente quando esse povo, ou uma amostra, infima que seja, desse povo, bate, como agora o fez, palmas a **Salazar**.

■ SALAZAR E ODETE FAZEM PERDER A CABEÇA AO FILÓSOFO DA MARMELEIRA



Não contente com a sua disparatada teoria de «salazarismo difuso», inventada sob pressão dos acontecimentos, o antigo camarada **Pacheco Pereira** ficou «délé da cuca» com o gozo blogosférico que explodiu em gargalhadas contra a descomposta arenga, revolucionária e imensamente democrática, da **dra. Odete**, no final do chamado concurso «Grandes Portugueses». Coitada da sra., ela apenas se sentia a declamar em pleno Parque Mayer (seu grande sonho!) para uma

isso ou mais ainda, tenha aflorado à mente do nosso **Pacheco**. Mistérios profundos que um ADN ideológico primordial comum esconde e a que não escapará, até, um conceito estético, muito semelhante, que cada um cultiva da sua própria figura.

■ AH!, DISSE?

A carismática defensora do consabido democrata e multifacetado artista que foi **Barreirinhas Cunhal**, declarou, alto e bom som, que **Salazar** disse:

«Um povo culto é ingovernável». Só não disse onde e quando **Salazar** disse... Temos que perguntar ao **Pacheco**, que esse sabe-a toda.

■ DIZEM QUE É UMA ESPÉCIE DE CRÍTICA POLÍTICA E SOCIAL...

Difícilmente o humor se concilia com formas de sabujice ao Poder, mesmo quando esta se manifesta ignorando, pura e simplesmente, tudo o que se passa de criticável na cena oficial.

Talvez por isso, os festejados «Bichanos Mal-cheirosos» que a RTP do Governo contratou (não por acaso...) estão a perder bastante da sua pretendida graça.

Mais uma prova foi a última rábula televisiva dos tais «Gatos», em que conseguiram ignorar o caso da semana «o canudo de **Sócrates**», que cada vez mais se agrava, para se dedicarem, de forma repetitiva, enjoativa e sem êxito, à desvalorização da escolha de **Salazar** no concurso que a RTP lançou e lhe estoirou nas mãos.



Grandes Portugueses» de 84 mil euros à RTP

A RTP arrecadou cerca de 84 mil euros através das chamadas telefónicas dos telespectadores que participaram na votação do curso «grandes Portugueses», segundo noticiou o semanário *Expresso*».

De acordo com as contas do jornal, as 214.972 chamadas telefónicas, com um valor de 60 cêntimos por unidade terão rendido à administração pública, após descontados os 35 por cento habitualmente pagos pelos operadores de telecomunicações, 84 mil euros.

Os votos em **António Oliveira Salazar**, que venceu a votação, renderam cerca de 34,4 mil euros. O segundo classificado,